

## OS VEIOS NIETZSCHEANOS DA MODERNIDADE LITERÁRIA PORTUGUESA

*João Ferreira*

### 1

A influência de Frederico Nietzsche (1844-1900) em alguns escritores portugueses dos fins do século XIX e dos princípios do século XX tem muito a ver com a definição do quadro ideológico-literário e com a preparação da modernidade otimizante que caracteriza certos textos crítico-literários de poetas e escritores portugueses que aderiram à proposta renascentista ensaiada a partir do neo-garretismo e firmada pelo grupo de *A Águia*, pelo criacionismo leonardino, pela mística revolucionária e utopia da "Pátria Nova" encarnada no programa político da jovem República em 1910<sup>(1)</sup>. Não possuímos ainda o desenho preciso do quadro desta influência para avaliar devidamente a cronologia, a extensão e a profundidade da presença de Nietzsche em escritores portugueses. Temos indícios, entretanto, e mais do que isso, citações, exaltação e comentários às suas teses, ao mesmo tempo que veios nietzscheanos invadiram também argumentos e temáticas de obras estéticas portuguesas. Isso leva-nos à tese de que a composição da modernidade mais próxima de *Orpheu* bebeu e se inspirou em Nietzsche<sup>(2)</sup>.

Sendo uma personalidade importantíssima na composição do quadro ideológico dos fins do século XIX e da modernidade, Nietzsche pode ser abordado debaixo de vários ângulos. O que seria mais pertinente em nosso ensaio seria lembrá-lo como pensador e crítico anti-decadentista, como anti-pessimista e como demolidor de mitos. A nível europeu, revolucionara todo o quadro tradicional das ciências humanas, desde a filo-

sofia e a sociologia política até à moral e às letras<sup>(3)</sup>. É bastante conhecido seu radicalismo no tocante ao quadro dos valores tradicionais do ocidente cristão, sua análise original da origem da tragédia grega, sua crítica à empáfia racionalista dos intelectuais, sua exposição revolucionária sobre a moral a ser construída para além do bem e do mal, sua atitude iconoclasta em relação ao cristianismo, conceito de Deus e à chamada civilização ocidental. Em *Anti-Cristo* analisa o impasse do homem moderno que vê entalado entre as promessas do cientismo e o falido processo da felicidade oferecida pelos utopistas progressistas, tão entalado que "não pode entrar nem sair: "enfermávamos deste modernismo, diz Nietzsche, "Enfermávamos da paz doentia, do covarde compromisso, de toda a virtuosa imundície do moderno sim e não. Esta tolerância e generosidade do coração que tudo perdoa porque "tudo compreende" é para nós como vento siroco. Antes vivo entre os gelos que em meio das virtudes modernas e outros ventos do sul<sup>(4)</sup>. Os livros de Nietzsche são um dos sinais mais vivos da rejeição da sociedade oitocentista em ruínas. "So sprach Zarathustra" (Assim falou Zarathustra) é uma virada a favor do mundo natural e vivo contra todo o doutrinário estático e abstracto. Enfasiado da sua "sabedoria" anterior, Zarathustra vira incendiário, torna-se criança novamente e volta ao seu amor pelos homens, anunciando uma doutrina que tem como base a superação do homem pelo Super-Homem, a proclamação da Natureza e dos valores naturais e o elogio dos "homens superiores"<sup>(5)</sup>. Em dialético confronto com a sociedade decadente do século XIX, Nietzsche minimiza os homens "de quem se apoderou o espírito da melancolia"<sup>(6)</sup> e tece um elogio a Zarathustra, "o homem que respira ares puros". Dirige sua mensagem "aos que foram assaltados pelo tédio, aos que se dizem "espíritos livres", verídicos e "redentores do espírito", mas que estão cheios de vaidade". Para todos esses "será propício o seti demônio encantado - Zarathustra". Não suportando mais o doutorismo intelectualista e os ditames abstractos da dialética idealista, Nietzsche põe na boca de Zarathustra o alerta para com os falsos sábios: "Livrai-vos dos doutos"<sup>(7)</sup>. Entre todos os discursos simbólicos de Nietzsche, o de Zarathustra é o que melhor representa a mente livre, telúrica e otimista, através de uma linguagem metafórica empolgada, contra o "demônio melancólico" e contra os enfermos do "grande tédio". Tudo isto contrasta profundamente com o tom decadente, com o tédio, o cansaço de uma sociedade, com o pessimismo de A. Schopenhauer e ainda com o conceito positivista da realidade propalado por Augusto Comte. Sua doutrinação contrasta frontalmente com a apocalíptica degenerescência defendida por Máx Nordau. Erguendo corajosamente uma bandeira vitalista, Nietzsche pautava sua pre-

gação num espaço que ele qualifica de "Para além do Bem e do Mal", colocando-se, se é possível dizê-lo, na "estaca-zero" da análise, puramente, prescindindo de dados anteriores ao processo. Denuncia, entre outras coisas, o "igualitarismo" que acha irreal<sup>(8)</sup>. Não aceita a dimensão nanica e comum própria da massa, nem tão pouco a dimensão materialista proposta por muitos de seus contemporâneos<sup>(9)</sup>. Pela boca de Zaratustra acha que a solução para a crise do século é a superação do homem comum, da *plebs ignara* e de seu materialismo<sup>(10)</sup>. Para isso há que abrir caminho rumo ao homem superior. Homem superior será aquele que souber purificar sua mente na caminhada para os ideais superiores. Segundo Zaratustra, "a alegria é mais profunda que a dor. A dor passa e acaba. A alegria quer a eternidade, quer a profunda eternidade"<sup>(11)</sup>. Ao proclamar Zaratustra mestre da nova filosofia revolucionária, Nietzsche talha para seu herói um perfil de mestre que descobre o sol e a luz, a vida e a verdade natural, procurando aproveitar o espaço de saturação e de esvaziamento em que vivia muita gente da civilização industrial européia de seu tempo. Ao publicar o *Anti-Cristo*, sua intenção é atingir uma ideologia podre que se apoiava em pseudo-valores sustentados pela sociedade cristã de seu tempo. Nessa obra, além de se virar contra certas mentiras convencionais também visadas por Max Nordau, tenta atingir o charlatanismo em vigência no processo político europeu e o egoísmo social. Faz uma apelo aos "homens superiores", que são chamados a descobrir e a denunciar isto. Certas verdades, diz, só se descobrem na solidão, no despojamento e na vontade de viver. Para isso é preciso ser íntegro, colocar a mente acima de todos os interesses através de desprezo de tudo e saber preservar suas razões secretas<sup>(12)</sup>, ter "ouvidos novos para música nova; olhos novos para ver o que está mais longe; uma consciência nova para verdades mudas até agora e a vontade para a economia do grande estilo: reunir a sua própria força, o seu entusiasmo... o respeito a si mesmo, o amor próprio, a liberdade absoluta com respeito a si..."<sup>(13)</sup>.

O que é interessante observar num tempo em que o cientismo e o progressismo compeavam como dogmas absolutos é a análise do conceito de "progresso" feito firmemente por Nietzsche: "A Humanidade não representa um desenvolvimento para coisa melhor, mais forte ou mais elevada, como hoje se acredita — diz ele no *Anti-Cristo*." O progresso não passa de uma idéia moderna, isto é, de uma idéia falsa. No seu valor, o europeu de hoje está bastante abaixo do europeu da renascença. Desenvolver-se não significa necessariamente elevar-se, realçar-se, fortalecer-se"<sup>(14)</sup>.

A partir destes pontos básicos referentes à reviravolta feita por Nietzsche na cultura européia ocidental, torna-se mais fácil acompanhar e

entender a presença do pensador alemão em alguns escritores e pensadores portugueses contemporâneos da crise finissecular e que em vez de alinharem pelo tom derrotista de outros compatriotas, preferiram optar pela luta, pelo ideal, pelo entusiasmo, pela renascença e pela transformação estética e social. Esse fenômeno verifica-se a partir da saturação manifestada por alguns poetas em relação à vigência predominante de modelos estrangeiros em 1889, com mais expressão ao delinear-se a crise política portuguesa na última década do século XIX e finalmente com a implantação da República e organização do movimento da *Renascença Portuguesa*. Passaremos a tratar especificamente dos escritores onde são perceptíveis os veios de influência ou de presença nietszschiana.

## 2

Nietzsche trazia na sua doutrinação a modernidade do entusiasmo, do orgulho, da auto-confiança e da auto-consciência. Estes valores fascinarium os jovens portugueses, acabrunhados com a onda de estrangeirização na intelectualidade portuguesa, com a dependência econômica, com a crise de identidade nacional e com o pessimismo grassante a respeito dos juízos de valor da sociedade portuguesa como um todo. Neogarrettianos, republicanos e renascentistas tomaram a peito uma nova tática cultural de avanço para recuperar o país. As armas seriam exactamente a crença, a auto-confiança e a auto-consciência. Nietzsche oferecia um discurso que se esperava fosse diferente do que foi veiculado pelo superado sistema regeneracionista<sup>(15)</sup>. Era a oportunidade de ultrapassar o cepticismo político e cultural grassante no país. Desejava-se que não ocorresse o mesmo que aconteceu após o ano 1871, quando João Penha registava que "à exuberância política dos velhos letrados sucedeu a impotência geradora dos escritores modernos"<sup>(16)</sup>. Desejava-se que fosse diferente a evolução dos acontecimentos tendo em vista o entusiasmo que por ocasião do centenário da morte de Camões em 1880 se apoderou da consciência popular e a promessa de "revivescência nacional" nascida desse evento e que seria traduzida em nova era política, literária e cultural. Os "Novos", ainda que educados no pessimismo e cepticismo de Baudelaire e Schopenhauer, tinham agora oportunidade de não serem os meros repetidores de idéias e sentimentos supostamente tradicionais que jamais tiraram o país da decadência e degenerescência.

Através de novo sentimento de auto-consciência e de orgulho, os jovens comunicadores não aceitavam que o jornalismo português vivesse apenas dos clichês da imprensa francesa<sup>(17)</sup>. Para Veiga Simões, em 1909, há uma renascença à vista: "Já um novo herói se divisa. É Parsifal, adolescente, dirigindo-se a Monsalvato(...) Renascimento! Há alvoradas em toda a parte (...) aspirando à unidade"<sup>(18)</sup>. No testemunho de João Barros, o grupo renascentista, partindo da tradição quer dar a esta "mais beleza e consciência, reforçando-a de toda a complexa vida intelectual, de toda a agitação ideológica do século XX, tão prodigiosamente viva, tão fértil de forças que se ignoram e que ignoramos muitas vezes, mas que nos levam invencivelmente para novos horizontes"<sup>(19)</sup>.

O "So sprach Zarathustra" fora publicado em 1886, ano em que, no ambiente português, Sampaio Bruno publicava a *Geração Nova*. Nessa mesma data, Antero editava a *Filosofia da Natureza dos Naturalistas* e Oliveira Martins apresentava os sonetos completos de Antero de Quental. Alguns anos depois, pelos idos de 1894, os Nefelibatas, que se auto-intitulavam "boêmios e exilados da arte" registravam já, através de Henrique de Vasconcelos na revista *O Ideal*, que conheciam a fonética aproximada, pelo menos, do nome de Nietzsche<sup>(20)</sup>. Por seu turno, Eugénio de Castro, um cosmopolita que assumiu a tarefa de introduzir a modernidade em Portugal e de manter, à sua maneira, a europeização proposta pela geração de 70, registra nas páginas de *O Instituto*, revista da universidade de Coimbra, um depoimento significativo que convém assinalar: "Actualmente — pergunta — quem conhece entre nós os assombrosos trabalhos de Nietzsche (...)"<sup>(21)</sup>. Pode-se deduzir que no contexto cultural português, entre 1894 e 1913, data da primeira tradução, assinala-se de variadas maneiras a presença de Nietzsche, tratando-se em certos casos de um circunstancial ou até superficial conhecimento, mas havendo a segurança, conforme deduzimos do texto de Eugénio de Castro, de que a elite intelectual portuguesa estava já alertada em 1895 sobre os "assombrosos trabalhos de Nietzsche", o que vai concorrer para que, chegadas as ideais condições político-culturais, Nietzsche se transforme num dos símbolos dominantes da ideologia sonhada para a transformação radical de Portugal. No momento em que se esgotavam os movimentos estéticos do decadentismo e do simbolismo e também os velhos e caducos ideais da monarquia e do progressismo retórico e numa altura em que as instituições da Igreja e do Parlamento denotavam anacronismo e extremo cansaço, num país que apesar de tudo mantinha todas as formalidades essenciais da legalidade e da democracia, Nietzsche passa a ser visto, por certos círculos culturais avançados, como o arauto ideal de uma nova lu-

fada de vida, necessária à esperança portuguesa. Isto explica porque os vários órgãos da República, seus jornais, seus doutrinadores e poetas como Jaime Cortesão, João de Barros e Teixeira de Pascoais acolheram o mensageiro da "vontade de poder", que se insurgia contra toda a degradação da energia humana, contra os adeptos do tédio, numa clara afirmação da vida contra todos os riscos. Portugal tinha de criar esta "vontade de poder" e encarná-la num movimento que seria, a nível político, a república e a nível cultural e social, a "Renascença Portuguesa", abrangentemente aberta a todos os portugueses através de programas, iniciativas, doutrinações e actuação das universidades populares que chegariam até à província.

Sendo o primeiro registro documentado de que temos conhecimento aquele que nos foi dado por Henrique de Vasconcelos na revista literária e artística *O Ideal*, em 1894, que mostra Nietzsche como um dos autores que influenciou os novos, a partir desta informação, deverão ser analisados, com atenção, os textos dos principais autores do grupo. É oportuno, assim lembrar o poema *Canção da Luta* de Alberto de Oliveira publicado em 1888, na *Revista Moderna*<sup>(22)</sup>, o qual utilizando estruturas binárias contrastivas, desenvolve uma temática que vai do cepticismo ao optimismo, do vício à virtude, da lama à nobreza, da degenerescência à crença na vida e apelo à luta. No âmago do poema se desenvolve um veio optimista de tipo rousseano, antes de mais nada, que desemboca no naturalismo, no optimismo e no vitalismo — uma mistura de optimismo social de J. J. Rousseau com os ideais naturalistas de Júlio Dinis, de E. Zola e o telurismo de Zaratustra.

O crítico João Gaspar Simões dedica um capitulo à "vontade de poderio" em Antônio Nobre, autor do *Só*, publicado em 1892<sup>(23)</sup>.

Embora seja difícil, no estado actual da pesquisa, definir a dimensão do contacto directo ou indirecto dos criadores literários portugueses com a obra e a ideologia de Nietzsche, é explícita, pelo menos, uma atmosfera, conversas, mesmo vagas, às mesas dos cafés e em tertúlias e até citações de Nietzsche e de seu personagem — herói Zaratustra.

Este clima é particularmente sentido numa carta singular de Teixeira de Pascoais ao poeta Carlos de Moraes (1887-1975), amigo de Manuel Laranjeira, residente em Espinho. Nela, o poeta de Amarante relata seu primeiro encontro com o autor de *Pessimismo Nacional*, num café do Porto, por "algumas horas" e no qual se falou "de todas as coisas possíveis e impossíveis, desde o trovão almeidista muito em voga até ao Zaratustra (sic) de Nietzsche (sic) que ninguém percebia! Política, ciência, poesia, filosofia, tudo saltava ao mesmo tempo, em mil faiscas, das nossas palavras

encandescentes, ingênuas como luzes"<sup>(24)</sup>. Pelo texto ficamos a saber que, no ano de 1904, Teixeira de Pascoais e Manuel Laranjeira, poetas do Norte, já discutiam Nietzsche, com ares de certo Vanguardismo, para o meio.

Ainda Manuel Laranjeira, numa carta dirigida a Antônio Patrício em 14 de fevereiro de 1905, dizia a seu amigo:

"Que o teu adorável egoísmo zaratrustiano (sic) me perdoe e meu egoísmo mórbido. Sou vítima duma crise amorosa, sensual, romântica — neurastênica. Em suma, Vulcano preso na teia de Vênus. Com a diferença que esta é uma Vênus varina, mais parva (e, o que é pior, mais feia) do que a deusa helênica. Um capítulo sentimental e grotesco deste enfadonho romance da vida"<sup>(25)</sup>.

O poeta e crítico João de Barros (1881-1960) é o exemplo mais acabado da força e do entusiasmo com que se registram as adesões a Nietzsche no início deste século.

Em sua obra *La Littérature Portugaise*, datada de dezembro de 1909 e saída a público em 1910, João de Barros já registrava os vestígios nietzscheístas em Portugal. Referindo-se ao movimento poético português desse tempo, dizia: "Et qu'il reçoive l'empreinte d'un spinozisme, généreux et attendri, comme chez M. Affonso Lopes-Vieira, ou du Nietzscheisme, comme dans les livres de M. Antônio Patrício, ou du tolstoïsme le plus sain comme chez M. Thomaz da Fonseca, il ne perd jamais son profond caractère national"<sup>(26)</sup>.

O testemunho mais forte da presença do naturismo e das teses otimistas e voluntaristas de Nietzsche está nas páginas poéticas de *Terra Florida*<sup>(27)</sup>, que nada mais é do que um "canto à saúde, à alegria, ao combate e à acção", ao mesmo tempo que se afirma como antídoto contra o derrotismo e uma condenação da covardia do suicídio: "Por isso não te choro, a ti, que só coraste/sobre ti próprio (...)"<sup>(28)</sup>. Seu propósito telúrico enquadra-se inteiramente nos preceitos nietzscheanos, seja de Zarathustra, seja da vontade de poder, numa apoteose da vida contra qualquer forma de decadência:

"E eu quero a Terra forte e sensual e florida/De cor e de perfume — ou de desejo humano!"<sup>(29)</sup>

No poema "Canção do Homem", há tiradas de embriaguez de sabor dionisíaco:

"E em frente à minha vista deslumbrada/ Ergue-se no céu d'oiro, a madrugada/ No vibrante irromper d'uma explosão!.../ E eu bebo essa frescura, que embriaga"<sup>(30)</sup>.

"É a alma da terra, o seu desejo/Que hoje me dá, neste primeiro beijo/Da nova Primavera,/A certeza de ver-me enfim liberto(...)"(31).

"Ah! como eu torturei a minha vida/Como ela andou inútil e perdida, /No doloroso engano.../Quanto de mim a natureza/Ensina a força, a graça e a beleza/Ao pobre gesto humano!/Hoje sinto que tudo se renova/—Toda aurora traz uma luz nova/Que nem em sonhos vi."(32).

O poema "Alegria" inicia-se com uma explosão incontida: "Alegria! Alegria!/ó Céu do meu Paiz/Onde as nuvens são até quasi luminosas"(33). Em seguida, os versos:

"Ondas, que sois a força ineluctavelmente/Batalhando e gritando a ânsia de combate./ E que do vosso longo, incansável embate/Saís cada vez mais azuis e juvenis/Ondas que dais vigor e graça e pitoresco/ — Ponte em volta de nós, do meu claro País,/O Sorriso de espuma, eternamente fresco!..."(34).

"Em "Junto da Terra" há um tom igualmente nietzscheano:

"Mas eu que tenho em mim/ A loucura ansiosa do desejo/ E que trago na boca esta palavra enfim!/ Doce como um sorriso e ardente como um beijo/ Para quando acabar esta longa subida/ Que me leva à Beleza e a Vida/ Eu que sou forte e sou orgulhoso e tranqüilo/ Porque sinto o que posso e vejo que senti-lo/ É desprezar sem dó toda a força inimiga/ Que a timidez assusta e que à fraqueza assombra—/ Devo calcar aos pés a dor que me persiga/ Como quem vai pisando a sua própria sombra"(35).

Diríamos que toda a tônica de *Terra Florida* é altamente exaltadora da Vida, da força, do optimismo, do orgulho, da luta, e que não é possível comentar toda a mensagem poética do poema.

É imprescindível porém pôr em destaque o poema altamente dionisíaco de *Romaria*, onde a festança pagã, a gritaria, o desejo, a música, o canto, o amor, a explosão festiva do povo, os apetites e as paixões latentes, a volúpia, formas novas e precursoras de um "quase vagido de uma raça nova": em contraste com as tradicionais festas populares e romarias onde a tônica eram os círios, as lamentações, as preces e flagelações:

"Mas que importam círios/ e lamentações/ Preces onde gemem ânsias de martírios/ De flagelações?/.../(36).

"Cantador, repete os versos que cantavas/...Venham rosas rubras para as namoradas/ ...Tragam as violas, comam o farnel/ (...) E depois, na dança com desenvoltura/ Cada par cantando que se enlace bem/Que se não separe no maior tropel/ Que se abrace e beije sem o ver ninguém/ Para que à noitinha/ Sob a luz que desce, castamente emana/Duma luz honesta./Toda a explosão doida deste povo em festa/De apetites rudes, nunca satisfeitos/Seja o grito enorme da volúpia humana/Da paixão la-

tente,/A sair dos lábios, a cantar nos peitos/Creatoramente!/Para que os abraços por detrás das sebes/Sejam mais estreitos/ E melhor confundam vidas palpitantes/Corpos ofegantes/Bocas murmurando/Aos ouvidos dóceis o indomado cio!"(37). E no final: "Como se já fosse quase o vago/Duma raça nova que o destino espera/Duma raça alegre que o Futuro chama"(38). No poema "Horizontes" dedicado a Antônio Patrício, nietzscheano, realça a força voluntarista: "Pois que o desejo cresça e que a ousadia aumente/Sem recear a morte e sem temer a dor/-Homens, ide buscar a certeza evidente/Seja ela qual for"(39).

*Terra Florida* encerra com "Final" que é um poema de teor vitalista:

"Ó vida, acariciante como as penas/Dilacerante como as garras/(...) Vida que vais passando e redemoinhando/(...) Risos bons de criança ou desespero mudo/(...) Tudo em mim se perturba e exalta e se exaspera/— O meu desejo, a minha ânsia, o meu amor."(40). "Quero prender então no meu fremente abraço/A tua agitação"(41). E a terminar:

"Ir para a frente! Ir — para onde? Procurar/Essa clara visão que a mim próprio me exalta!/Eu não sei... Apenas sei gritar/ Por uma vida moça e maior e mais alta,/E tão profunda e forte/Que mesmo à hora triste e sombria da morte/Se não conheça a morte e se morra a cantar."(42)

João de Barros, que em 1900 estreara com *Pomar de Sonhos* declarando que este livro "pretende apenas ser um grito de revolta contra a realidade actual", passa a ser o principal agente de decomposição do simbolismo em Portugal, acolhendo-se, em *Terra Florida* ao abrigo do mote de Verhaeren: "Je vais éperdument du côté de la joie" (Eu caminharei perdidamente do lado da alegria), em composição com o vitalismo e voluntarismo de Nietzsche(43). Em *Ansiedade*, que publicará em 1914, a vida volta a ser uma temática obsessiva: "Porque eu desejo ó vida/ ao consagrar-te o amor/Desta pobre alma incerta/Que ela vibre em nobreza, em beleza, em vigor/E chama de paixão que ao teu sopro desperta/Dentre as cinzas vencidas/Vê-la subir a ti num hausto de esplendor/Vê-la subir, pairar, na graça, no fervor/De duas mãos erguidas!... (44). "Oh! Primavera/Como um grito que nasce e um beijo que se espera/Sobes a pouco e pouco ao nosso coração!/Viver é tudo: ser uma flor em botão/E saber que amanhã, morto o perfume e a cor,/Se ergue um fruto a corar ao Sol e ao calor"(45). "Deixa a volúpia alucinar-te o coração/ E que os beijos, florindo o teu sonho impaciente,/ Sejam como um tronco, as rosas de tocar"(46).

Numa outra obra, *Anteu*, que remonta ao ano 1912, em pleno clima de Renascença Portuguesa, João de Barros reafirma este vitalismo e este voluntarismo, mas com uma tônica onde a multidão tal como se preconizava na exaltação do manifesto de Marinetti sobre o futurismo, em 1909,

tem um lugar destacado. É no poema *Anteu*, onde Multidão é personagem. São "Vozes da multidão" que proclamam: "Anteu! Anteu! Anteu!/ Irmão dos tristes, pai dos oprimidos/ Alegria dos fortes/ orgulho a que se apoiam os vencidos/ Vida moça a pairar sempre os nossos ouvidos/ No seu frêmito de asa/ Sol perene que nos animas, nos abrasas/ No teu vivo fulgor e na tua energia/ Anteu, rei poderoso/ Vais ser vencido, ser vencido! vais morrer!" (47). Derrubado por Hércules, Anteu ergue-se, luta e vence Hércules, transformando-se na figura do herói que consegue triunfar pela luta: "Engolfou-se-me na alma a natureza toda"(48). "E tudo isso que em mim triunfou, dominou/ Para o viver, para o criar, só me bastou/ Beijar a Terra, minha mãe, que se alvorota/ De prever o meu sonho e o meu gesto mais seus"(49). "É sempre esta ambição, esta febre insofrida/ De conhecer, de dominar, de conquistar!/ Ah! segurar nas mãos o mistério do mundo/ E sabê-lo prender ao meu peito profundo"(50). Anteu, que é apresentado no poema "fremente de energia para lutar"(51), é construído como símbolo de luta para a sociedade portuguesa em transformação. Dirigindo-se à multidão diz: "Quis despertar em vós o vosso orgulho incerto!/ E afinal para quê? Para ver mais de perto/ Mais evidente ainda, a vossa escravidão!/ Sede livres primeiro e entenderéis depois..."(52).

Manoel Teixeira-Gomes (1860-1941) é outro criador literário que além de agregar à formação cultural e filosófica "seu idolatrado Nietzsche", utiliza-o depois, segundo Urbano Tavares Rodrigues, para preencher "uma parte de sua personalidade adquirida ou, se o preferirmos, uma das suas personalidades, curiosamente delegada no seu quase heterônimo que é Sabina Freire"(53). Não se sabe ainda, a partir de que data o autor de "Gente Singular" conhece ou admira Nietzsche. Cumpre entretanto observar que já em 1904, no conto *Colônia*, integrado na obra *Agosto Azul*, abre a narrativa com uma tirada nitidamente nietzscheana: "Eu era novo, então, forte, petulante, fulgurando a miúdo em súbitas exultações, na plena fase de herói, orgulhoso, dominando a vida e gastando-a com fausto, perdulário sibarita que sorria, sorrindo, as aparências luxuriantes e a sugava até à essência saborosa ou amarga."(54).

Pela vida fora, Nietzsche será presença permanente na composição literária de Teixeira-Gomes. Sua obra "carreia pensamentos-palavras frequentes de Nietzsche"(55). No romance *Maria Adelaide*, sua obra mais estruturada, mostra-se "discípulo (sem idolatria) do, em muitos pontos, seu bem-amado Nietzsche"(56). No *Carnaval Literário*, obra publicada em 1938, escreve: "Dizia Nietzsche já não sei onde (...)"(57). Entre suas amizades literárias portuguesas conta-se a do escritor e poeta João de Barros, um dos mais notáveis poetas portugueses de influência nietzscheana(58).

Outro exemplo clássico para invocar a opção ideológica da modernidade portuguesa é o drama em 2 actos *Fim*, da autoria de António Patrício (1878-1930), que abre com epígrafe nietzscheana, em francês, extraída de *O Crepúsculo dos ídolos*<sup>(59)</sup>.

No plano da fábula, há neste drama uma inspiração e uma aplicação simbólica de *O crepúsculo dos ídolos*. A personagem *O Desconhecido* transmite toda a intencionalidade linear da peça. No fundo, a destruição dos ídolos, ou a derrubada do poder, com todos os índices de decadência, de corrupção e anemia. Destruída a capital pelo incêndio, por ocasião da invasão estrangeira, é *O Desconhecido* que dá o tom: "Agora... morreu a capital: há mais país" que voltará a encadear-se numa obsessão suprema de triunfar na vida ou na morte. O quadro dionisíaco apresentado na peça, simbolizando o podridero *épico lusitano do início do século*, mostra como os símbolos nietzscheanos permearam a estrutura dramática do teatro de Patrício, a qual visava mais do que tudo mostrar o ambiente, a coroa demente e alienada, crepuscular, arrastando para o sacrifício um povo caracterizado pela indiferença, caminhando para o suicídio colectivo, evidenciando um certo fatalismo que torna absurda a esperança, consegue despertar as últimas energias para o triunfo trágico. O texto é uma mistura simbólica de quadros de loucura e de terror à Dostoiévski, de feição surrealista e absurda à mistura, buscando, no fundo dionisíaco da tragédia, o final do triunfo e a vontade de sobreviver à Nietzsche.

Acreditamos que Leonardo Coimbra (1883-1936) terá sido na sua geração, quem melhor conheceu as doutrinas e os textos de Nietzsche. Pelas suas condições de intelectual dedicado à investigação do pensamento e das correntes filosóficas europeias e por ser um pensador que buscou construir a sua própria síntese no criacionismo, Leonardo aparece como uma personalidade voltada para o optimismo, para a alegria, para os valores da vida. Foi com esta personalidade aberta que se voltou para o ensino, para o exercício oratório e para a escrita. Miguel Spinelli, seu biógrafo, destaca o cuidado de Leonardo Coimbra em restaurar a metafísica e a sua simpatia "por uma série de pensadores que procuravam na vida o ponto de arranque para o seu filosofar — por exemplo Schopenhauer, Nietzsche, Bergson, Unamuno"<sup>(60)</sup>. Entre os textos leonardinos com referências explícitas a Nietzsche está o discurso de homenagem a Antero proferido no Jardim da Estrela, em Lisboa, no ano de 1929<sup>(61)</sup>, e "A poesia e a filosofia moderna em Portugal"<sup>(62)</sup>, entre outros. Cronologicamente porém, antes de 1915, desde *Nova Silva* até a *A Agua* e dentro do Movimento da Renascença Portuguesa, veio realizando aquilo que podemos chamar de filosofia vitalista, que tem uma das fontes em Nietzsche. Mais

próximo do vitalismo cristianizado de Henri Bergson, sua epistemologia criacionista, sem neutralizar o frêmito dionisíaco de tipo nietzscheano, tem a arte de associar com modernidade as aberturas que excluam movimentos decadentistas e pessimistas. Essa é a essência da sua filosofia vitalista<sup>(63)</sup>.

A admiração por Nietzsche vai ganhando adeptos especialmente entre os intelectuais republicanos, a ponto de o jornal *República* lhe ter dedicado um editorial, no qual Zarathustra é escolhido como personagem-símbolo de um "credo novo" que é o "sonho álaçre" do democrático republicano<sup>(64)</sup>.

Outra personalidade poética que participou de todos os movimentos de renovação e ressurgimento nacional é Jaime Cortesão (1889-1961), autor de *A Morte da Águia* (1909). Militante activo da Renascença Portuguesa, director de *A Vida Portuguesa* a partir de 1912, cita Nietzsche no editorial do primeiro número de *A Vida Portuguesa*<sup>(65)</sup>.

Augusto Casimiro (1889-1969) inclina-se também para a exaltação vital e naturismo em *Primavera de Deus* (1915)<sup>(66)</sup>.

A atestar que se tornou normal citar Nietzsche entre os intelectuais destacados do período imediatamente anterior a *Orpheu* está o artigo *Os Parocistas* de Fran Paxeco, publicado em 1914, n'*A vida Portuguesa*<sup>(67)</sup>. Esse artigo tem o mérito de nos informar que havia alguns movimentos de vanguarda no seio da revista *A Águia*, por esse tempo, a saber: o pragmatismo heróico, e o imperialismo estético "hauridos porventura em Nietzsche", ainda que houvesse quem os atribuísse aos "paradoxos bergsonianos", que "era o Sócrates da moda", no dizer de Fran Paxeco:

"Apregoam-se ainda o pragmatismo heróico e o imperialismo estético, hauridos porventura em Nietzsche, embora os atribuam aos paradoxos bergsonianos, o Sócrates da moda e há quem queira reduzir a expressão lingüística ao mínimo do estilo telegráfico, o que se nos antolha soberbo"<sup>(68)</sup>.

Chegou-se a um ponto em que a leitura, aproximação ou citação de Nietzsche se transformou num ritual natural e quotidiano, principalmente entre os escritores da Renascença Portuguesa, conhecidos por seu espírito de renovação. Para verificá-lo, bastaria citar o texto de Leonardo Coimbra. Após dizer que a maior criação intelectual dos portugueses é a poesia", Leonardo passa a mostrar como é que a poesia portuguesa deve revelar-nos "em acção viva o nosso pensamento metafísico". Fixa-se depois na análise da poesia de Pascoais, complexa e dramática: "A sua fisionomia profundamente dramática, que lembra Nietzsche, de acôrdo com a sua alma, tem sorrisos de ventura em ingênuos regressos ao estado originário

de simples natureza, enternecendo-se com o que é imediato; mas ergue-se de novo o drama e ei-lo que nos fala dum pecado original que parece agora ser a alma, a própria memória"(69).

Ao analisar a modernidade do *Húmus* de Raul Brandão (1867-1930), Alvaro Manuel Machado fala de um "voluntarismo irracionalista" de inspiração nietzscheana presente nessa obra:

"Mas este moderno voluntarismo irracionalista de raiz nietzscheana, que faz parte essencial da circularidade do tempo narrativo, concentra-se numa palavra polissêmica que talvez mais do que qualquer outra exprime modernidade vocabular de *Húmus*: é a palavra espanto"(70).

Entre os expositores de Nietzsche no período destaca-se Raul Proença, autor do trabalho "O Eterno Retorno e o Optimismo de Nietzsche"(71) tese que mais tarde desévolverá em livro já debaixo do tecto da "Seara Nova".

Nesse trabalho, Raul Proença toma a IV Parte da obra *Assim Falou Zaratustra* para se referir à idéia do eterno retorno, aludindo à ocasião em que Zaratustra, na calada da noite, reuniu os homens superiores para lhes revelar o "grande segredo da vida", os mistérios da dor e da alegria. Zaratustra exorta os homens superiores a cantarem em roda o misterioso e perturbador canto lirico, onde a mensagem central era a alegria como "expressão da força e do progresso da vida". Colocando-se em oposição a uma interpretação de Max Nordau, Raul Proença detém-se a interpretar o optimismo de Nietzsche dizendo que "o verdadeiro pensamento de Nietzsche é que bendizendo, glorificando um instante de profunda, de exaltada alegria, um instante singular, que se não confunde com nenhum outro instante — "une heure de joie, unique", como disse Sully Prudhomme em "La Joie" — temos com isso bendito e glorificado a nossa existência inteira e com ela toda a existência, bendito e glorificado mesmo as nossas dores e as nossas amarguras e as dores e as amarguras do universo. Por este momento, por este único momento, bendita seja a vida". Em Nietzsche, expõe ainda Raul Proença, "todas as coisas estão ligadas e entrelaçadas". É por isso necessário deixar claro que Nietzsche não defende um optimismo espasmódico, que seja capaz de absorver toda a vida num momento de prazer, tal como queria Max Nordau. É diferente o pensamento de Nietzsche. Embora declare não poder aceitar a doutrina optimista de Nietzsche por ser a filosofia de Zaratustra o pensamento de um solitário, Proença exalta a coragem pessoal e o canto de amor forte e entusiasta de Nietzsche em louvor da própria Vida, não obstante a dura luta para em certo período se manter vivo.

Quanto a Teixeira de Pascoais (1877-1952) notável líder da Renascença Portuguesa, director literário de *A Águia*, teórico do Saudosismo e da arte de ser Português, a relação com Nietzsche está documentada desde 1904 quando discutia com o poeta Manuel Laranjeira o super-homem pregado por Zaratustra nos cafés do Porto<sup>(72)</sup>. "A sua fisionomia dramática, no dizer de Leonardo Coimbra, lembra Nietzsche", mas "tem sorrisos de ventura em ingênuos regressos ao estado originário de simples natureza"<sup>(73)</sup> e todo o seu conceito "renascentista", o "regresso à origem", "o sonho e a esperança" a "anunciação de uma Nova Era", cantados e repetidos em "A Águia", em "A Arte de ser Português", em "Marânus" e em "Regresso ao Paraíso" são conceitos anti-decadentistas de alguém que deseja a "mutação de valores", uma "nova sociedade" animada porém de profunda dose de misticismo e messianismo. Suas biografias de S. Paulo e Napoleão aprofundam-se de Esperança e de Heroísmo, condizentes com as idéias de paganismo, naturalismo e triunfo, força e vontade de poder. Em *A arte de ser português*, ao analisar o espírito religioso português nas lendas e festas populares, Pascoais vê uma "embriaguez dionisíaca" tingindo de "alvorço alegre a celeste figura da Virgem"<sup>(74)</sup>.

Em nada porém atingirá Nietzsche a visão saudosista, panteísta e mística de Pascoais, que numa linha de expressão poética invulgar não abdicará nunca dos valores lusíadas.

A conclusão imediata de toda a nossa exposição é a de que os principais escritores da Renascença Portuguesa e de *A Águia*, estudaram, discutiram ou leram Nietzsche.

Em relação ao grupo que preparou *Orpheu*, há ainda uma singular pesquisa a realizar, para definir a evolução intelectual e ideológica de cada um, quer se trate de Mário de Sá-Carneiro, de Almada, de Amadeu de Sousa-Cardoso ou de Santa Rita Pintor, todos eles com uma parte de suas vidas passadas em Paris, contemporâneos e alguns deles conhecidos de Marinetti na capital francesa.

Falaremos pois e somente de Fernando Pessoa (1888-1935). Segundo Jacinto do Prado Coelho<sup>(75)</sup>, uma passagem de uma carta de Fernando Pessoa a Osório de Oliveira, publicada no *Diário de Lisboa* em 29/05/1936 pode abrir o necessário espaço de avaliação dos contactos do autor da *Mensagem* com Nietzsche:

"No que posso chamar a minha terceira adolescência, passada aqui em Lisboa, vivi na atmosfera dos filósofos gregos e alemães, assim como na dos decadentes franceses, cuja acção me foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela leitura da *Dégénérescence* de Max Nordau". Esta passagem leva Jacinto do Prado Coelho a perguntar:

"Que filósofos alemães teria em mente?" Depois de tentar analisar e preparar uma resposta, Prado Coelho conclui que "também não custa descobrir o sulco de Schopenhauer e de Nietzsche, ambos aliás sobejamente divulgados na época da juventude do poeta"<sup>(76)</sup> (...). E a seguir: "Quanto a Nietzsche, Pessoa parece ter-lhe herdado, além do voluntarismo irracionalista que adopta no plano político (cf. Interregno), o individualismo aristocrático, a idéia da morte dos deuses, a concepção do cristianismo como religião decadente boa para os fracos, o repúdio de todas as correntes que do cristianismo supõe derivarem"<sup>(77)</sup> (...) "Foi decerto Nietzsche, continua J. do Prado Coelho, quem lhe abriu o caminho para a compreensão do lado dionisíaco dolorosamente dramático da alma grega (...). Mas "corrige Nietzsche: não é a alegria mas o prazer que quer a eternidade", porém quer a eternidade num só momento"<sup>(78)</sup>.

No que toca à fundamentação textual para a formulação de um juízo sobre Fernando Pessoa e Nietzsche, seria pertinente aduzir algumas passagens significativas.

A primeira delas refere-se a um prefácio escrito por Ricardo Reis para a poesia de Alberto Caeiro. Intitula-se "Do Paganismo" e, nele, Ricardo Reis defende que "todos os movimentos, que adentro da nossa civilização, tem havido no sentido do paganismo, têm pecado pela sua origem cristã"<sup>(79)</sup>. Dizendo que estas considerações se aplicam a todos quantos quiseram reconstruir o paganismo desde que ele morreu, termina por afirmar que "em Nietzsche, em que mais parecia que se devesse falar, é melhor que não falemos, tão repelentemente cristã se contorce aquela débil e doentia mentalidade"<sup>(80)</sup>.

Em outro documento Fernando Pessoa afirma que o temporal de Nietzsche "era o de um asceta e de um louco. A sua época no seu país era de materialidade e de força. Resultou fatalmente uma teoria onde ascetismo louco se casa com uma (involuntária que fosse) admiração pela força e pelo domínio"<sup>(81)</sup>. E finalmente, para reforçar, desta vez analisando com reserva, volta a Nietzsche para falar dos discípulos e para analisar as teses essenciais de sua filosofia"<sup>(82)</sup>.

Tendo-nos deixado uma escrita teórica muito fragmentada, inacabada e por vezes sem síntese final, Pessoa dificulta-nos a interpretação. No caso de Nietzsche aplica-se este princípio. Não obstante isso podemos afirmar que esses textos foram produzidos na fase em que ele como poeta balançou entre sensacionismo, vitalismo, naturismo, paganismo e futurismo. Para avaliação real do espaço ideológico de Pessoa neste período é importante lembrar que ele é autor, através de Alvaro Campos, de um texto determinante referente à formulação de uma nova estética — não

aristotélica, onde a tônica é a força, a energia, em correspondência paralela com as "formas de força que se manifestam na vida"<sup>(83)</sup>. A filiação filosófica desta estética pode ascender a Ruskin, a Walt Whitman e a outros estetas finisseculares, mas nela são inegáveis também os ecos de Marinetti, não muito longe dos ecos, *mutatis mutandis*, de Frederico Nietzsche.

Quanto às reservas em relação ao resíduo cristão de Nietzsche, que na qualidade de crítico do cristianismo se mostra menos pagão do que seria para esperar (segundo Ricardo Reis), não chegam a assustar, vindo elas de Fernando Pessoa, o qual, pela pena de Ricardo Reis não perdoa nem ao próprio Alberto Caeiro não se ter desprendido verdadeiramente de seu cristismo nem o facto de ter composto um poema pagão, objectivo e naturalista, sem ter abdicado de seu profundo "subjectismo cristista"<sup>(84)</sup>.

Entre os textos agrupados sob o rótulo de "Idéias Filosóficas" da edição Aguilar, sobressai um *script* que podemos considerar uma avaliação de conjunto sobre o valor de Nietzsche:

(...) "em Nietzsche, a contradição de si próprio é a única coerência fundamental, e a sua verdadeira inovação é o não se poder saber o que foi que ele inovou.

"São inúmeros, em todo o mundo, os discípulos de Nietzsche, havendo alguns deles que leram a obra do mestre.

A maioria aceita de Nietzsche o que está apenas neles, o que de resto acontece com todos os discípulos de todos os filósofos. A maioria não compreendeu Nietzsche e são esses poucos os que seguem fielmente a doutrina dele.

"A única afirmação grande de Nietzsche é que a alegria é mais profunda que a dor, que a alegria quer profunda, profunda eternidade. Como todos os pensamentos culminantes e fecundos dos grandes mestres, isto não significa coisa nenhuma. É por isso que teve tão grande acção nos espíritos: Só no vácuo total se pode pôr absolutamente tudo."<sup>(85)</sup>.

Esta avaliação tem vários pontos a considerar. O primeiro deles é a confirmação de que, ao tempo existia uma legião de nietzscheanos em todo o mundo. O segundo seria a atração mundial exercida por Nietzsche através de seus sequazes, alguns dos quais leram a obra do mestre, havendo entre eles uma minoria que seguira fielmente suas doutrinas. O terceiro ponto é a surpresa de que a maioria "aceita de Nietzsche apenas o que está neles". O quarto ponto mostra que Nietzsche não seria propriamente um inovador.

Com tais observações, Fernando Pessoa poderá ter querido dar um toque subtil sobre uma situação aproximada da que existiria no ambiente intelectual português de seu tempo, mais precisamente por volta de 1915.

A nota de Fernando Pessoa associada à descrição feita por Fran Paxeco em "Paradocos", artigo que referimos atrás, tende a dar-nos uma idéia da efervescência ideológica e estética entre os portugueses do tempo.

Se passarmos para a influência e ampliação indirecta de Nietzsche considerando epígonos, é forçoso lembrarmos de Tommaso Marinetti, teórico futurista, revolucionário, na propulsão da modernidade literária no início do século XX, e que teve em Portugal reflexos na *Ode Triunfal* de Alvaro de Campos e no futurismo professo de outros portugueses.

O derrube de todos os agentes clássicos da cultura e a palavra incendiária formam o tom de base do manifesto de Marinetti, "um documento de violência agitada e incendiária". Como teses essenciais do manifesto estão a luta, o hábito à energia, a coragem, a audácia, a revolta, a exaltação do movimento agressivo, a beleza da velocidade, o fervor entusiástico, a ruptura com o passado, a glorificação da guerra, o patriotismo, as belas idéias que matam, o desprezo à mulher, a derrubada de museus, bibliotecas, o moralismo, o feminismo e todas as covardias e cantará as grandes multidões movidas pelo trabalho, pelo prazer e pela revolta<sup>(86)</sup>. Aliás, trata-se de uma das linhas revolucionárias, com a insólita defesa de que "a arte não pode ser senão violência, crueldade e injustiça" e a afirmação de que o coração dos jovens que assinam o manifesto está "nutrido pelo fogo, pelo ódio e pela velocidade", sem nenhuma concessão ao passado. "Levantem a cabeça", exclama Marinetti. "De pé, sobre o cimo do mundo lançamos nosso desafio às estrelas"<sup>(87)</sup>.

Santa Rita Pintor, dirigindo-se a Homem Cristo Filho, em carta datada de 29 de Abril de 1916, fala de Marinetti e tenta convencê-lo do carácter anti-anárquico do futurismo<sup>(88)</sup>.

Júlio Dantas terá, anos mais tarde um encontro com Marinetti, quando este já estava comprometido com o movimento fascista de Benito Mussolini.

Antônio Ferro, editor de *Orpheu* em 1915, apresenta em sua Teoria do Gosto a reportagem de um encontro-entrevista com Marinetti<sup>(89)</sup>.

Raul Leal respondeu-se com Marinetti em 1921 e chegou a propor-lhe uma reforma radical do futurismo, sugerindo-lhe que em vez de banir a alma das criações antigas, devia combiná-la com as tendências modernistas<sup>(90)</sup>.

### 3

Mística ou não, a força propulsora recebida de Nietzsche entre os intelectuais portugueses neo-garretianos e renascentistas, é indiscutível.

Com muita probabilidade de raramente os leitores portugueses do período pré-orfeico terem lido o texto nietzscheano em alemão, e com as traduções portuguesas chegando muito tardiamente, a chance de acesso estava nas traduções francesas, como aconteceu com Antônio Patrício, nas traduções espanholas como demonstra a biblioteca de Leonardo Coimbra ou nas traduções inglesas, como provavelmente terá ocorrido com Fernando Pessoa. A terrível crise político-social portuguesa do final do século XIX e princípios do século XX postulava a busca mítica de uma palavra redentora, fosse onde fosse. O mito do Encoberto, a força saudosista capaz de levar o país a um passado glorioso, a revivescência nacional através do derrube da monarquia e a adesão idealista à república, a força vitalista necessária ao condicionamento entusiasta contra a crescente pregação do pessimismo nacional, já interpretado como fatídica característica portuguesa, eram formas visionadas e sonhadas para o arranque em direcção a um futuro melhor. A literatura foi a instrumentação mais elitista que animou a alma portuguesa. Muitos e muitos movimentos, muitas revistas literárias, muitas publicações, até universidades populares foram criadas para semear junto ao público um espírito novo de "renascimento". Toda esta movimentação e este esforço estético-literário e político reconheciam, no fundo, uma coisa: a necessidade de mudança. E mais ainda: a institucionalização da transmutação de todos os valores. Num livro famoso chamado "A Vontade de Poder", Frederico Nietzsche pregava exactamente isto. A religião cristã, como era apresentada, a moral como era manipulada e a filosofia em moda no final do século XIX, eram nada mais nada menos que expressões da decadência. Haveria por isso que operar uma transmutação de valores. Esses ecos chegaram a Portugal e sobretudo aos intelectuais. Nietzsche criou muitos discípulos. Alguns deles leram sua obra, como diz Fernando Pessoa, embora nem todos o tenham compreendido. Mas sucedeu que, mesmo não o compreendendo, seguiram fielmente a doutrina dele, havendo uma maioria que o aceitava nominalmente mas no fundo só acreditava no que estava na cabeça deles. Num ambiente onde muitas outras idéias vitalistas vindas de Ruskin, Verhaeren, Walt Whitman e de Henri Bergson se compunham com o optimismo, o naturismo, o entusiasmo e o vitalismo de Zaratustra e outros símbolos nietzscheanos, uma idéia fundamental avançava incontida: a necessidade de ruptura com o passado decadente e corrupto. A literatura portuguesa do início do século XX, em várias instâncias, em obras e movimentos, foi a mais significativa força para a transformação de mentalidade entre as elites. O movimento de *Orpheu* é uma consequência dessa

presença activa, da qual Nietzsche participou em escala que não podemos deixar de apontar<sup>(91)</sup>.

#### NOTAS:

- (1) Sobre a presença de Nietzsche no pensamento português contemporâneo, desde Sampaio Bruno e Leonardo Coimbra, é indispensável a consulta de José Marinho — *Verdade, Condição e destino no pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello e Irmãos Editores, 1976, pp. 151, 158, 181, 200 e 273.
- (2) São precários os elementos da crítica para fundamentarmos esta asserção. Mas é útil a leitura do capítulo "Sobre uma certa recepção literária de Nietzsche" do livro "Do-fim-de-século ao tempo de Orfeu", Coimbra, Livraria Almedina 1979, da autoria de José Carlos Seabra Pereira. A linha de pesquisa que mantemos neste texto confirmam e abram o leque bibliográfico e autoral para a temática.  
A apresentação de Nietzsche como um veio da modernidade em Portugal é fundamentada na rigorosa figuração simbólica e na ruptura com o discurso deteriorado do progressismo e dos "velhos ideais decrépitos" do século XIX, brotando daí uma nova concepção humanística e uma nova ordem axiológica. Em *O discurso filosófico da modernidade*, Juergen Habermas considera Nietzsche como "ponto de viragem" da entrada na modernidade. Lisboa, Publicação Dom Quixote 1990, pp. 89-108.
- (3) A obra completa de Frederico Nietzsche foi reunida na *Sämtliche Werke, Kritische Ausgabe*, Berlin/ New York, 1980, em 15 volumes, organizada por G. Colli e M. Montinari. Uma parte razoável das principais obras foi traduzida para o português, tanto em Portugal quanto no Brasil. Em Portugal, vários tradutores participaram desta editoração: Álvaro Ribeiro, José Marinho, Alfredo Margarido, Carlos José de Menezes, Herman Pfluger e outros. Entre os textos traduzidos lembramos: *Anti-Cristo*, *A Origem da Tragédia*, *Para além do Bem e do Mal*, *Ecce Homo*, *A Genealogia da Moral*, *Gaia Ciência*, *Assim falou Zaratustra*. Guimarães Editores, de Lisboa, se encarregaram de editar uma boa parte das traduções de Nietzsche em Portugal.  
Também as edições 70 (coleção textos Filosóficos), Lisboa; Relógio d'Água, Lisboa; Hiena Editora, Lisboa; Editora Rés, Porto e Editorial Presença, Lisboa, entre outras, editam textos de Nietzsche, em traduções portuguesas.  
Para acompanhar criticamente a obra de Nietzsche, há uma inumerável bibliografia; registrando-se em língua portuguesa razoáveis fontes de

informação. Entre elas: DELEUZE, Gilles. *Nietzsche. Lisboa*, Edições 70 (Biblioteca Básica de Filosofia), 1985; FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*. Trad. port., Lisboa, Editorial Presença (1983); MARQUES, Antônio. *Sujeito e Perspectivismo*. Seleção de Textos de Nietzsche sobre Teoria do Conhecimento. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989; HABERMAS, Jürgen. A Entrada na modernidade: Nietzsche como ponto de viragem. In: *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa, Publicações Dom Quixote 1990, pp. 89-129.

- (4) NIETZSCHE, F. *Anti-Cristo* (=ACR). Trad. Carlos José de Menezes, 5ª Ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1978.
- (5) NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra* (=AFZ). Trad. port., Lisboa, Guimarães Editores, 1988, p. 281.
- (6) IDEM, AFZ, p. 281.
- (7) IDEM, AFZ, p. 275.
- (8) IDEM, AFZ, p. 320-321.
- (9) IDEM, AFZ, p. 322.
- (10) IDEM, AFZ, p. 320-322.
- (11) IDEM, *Ainsi Parlait Zaratoustra*. Trad. fr. Henri Albert, Paris, Mercure de France 1914, p. 471.
- (12) IDEM, AFZ, tr. port., p. 325.
- (13) IDEM, ACR, p. 11-12.
- (14) IDEM, ACR, p. 15.
- (15) Regeneração: 1851.
- (16) PENHA, João. *República das Letras*. Anno I, nº 1 (Abril 1875), p. 3.
- (17) BRUNO, Sampaio. *A Geração Nova*. Porto, Lello e Irmão, p. 136.
- (18) SIMÕES, Veiga. *A Nova Geração*. Coimbra, França Amado 1911, p. 261.
- (19) BARROS, João de. *La Littérature Portugaise*. Porto, Magalhães e Moniz, 1910, p. 167 - Fica subentendido que na aludida "agitação ideológica do século XX", entra Nietzsche e outros pensadores.
- (20) VASCONCELOS, Henrique. Dois Poetas. In: *O Ideal*, Coimbra 1894, p. 51:  
"Com efeito, que herdamos nós d'Anthero?  
Os Novos têm de comum com Anthero, a espiritualidade que desaparecera da literatura portuguesa desde meados do século XVII; e o pessimismo que abre o lábaro de vez em quando, em quase todas as nossas obras. Mas isso mesmo poderia ter vindo de Baudelaire, Moréas, Nietyche, Schopenhauer..."
- (21) Segundo José Carlos Seabra Pereira, no capítulo "Certa recepção literária de Nietzsche", in *Do fim-de-século ao tempo de Orfeu*, Coimbra, Livraria Almedina, 1979, p. 39, Eugénio de Castro (1869 - 1944) deixou escritas, em *O Instituto* (secção literária), Coimbra, 1895, estas palavras, que são amplamente informativas:

- "Actualmente, quem conhece entre nós os assombrosos trabalhos de Nietzsche, os poemas de Swinburne e de Mallarmé, os livros místicos de Ernst Hello e a obra dos pré-rafaelistas ingleses? (...)
- (22) OLIVEIRA, Alberto de. *Canção da Lucta. Revista Moderna, Anno I, nº 3* (12 de Abril de 1888), p. 19.
- (23) SIMÕES, João Gaspar. *Antônio Nobre, precursor da poesia moderna*. Lisboa, Editorial Inquérito Lda, s. d. (1939), pp. 25-28. Trata-se de um capítulo, onde a temática "vontade de poder" (ou "vontade de poderio", como diz Gaspar Simões) é tratada subjectivamente apenas na sua relação intrínseca com a poesia de Nobre. Além de cunhar de romântica a expressão "vontade de poderio", J. Gaspar Simões não desenvolve a relação comparativa a nível textual bilateral.
- (24) O texto da carta pode ser encontrado em MARTOCQ, Bernard. *Manuel Laranjeira et son temps (1877-1912)*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais (1985), p. 689-690.
- (25) LARANJEIRA, Manuel. *Cartas*. Prefácio e Cartas de M. Unamuno. Lisboa, Interiores (1990), p. 37.  
Elias de Tejada Spinola publicou em *Arte y Letras* Madrid, "15 de Mayo de 1943, um estudo intitulado "Manuel Laranjeira. Un Nietzsche Português."
- (26) BARROS, João de. *La Littérature Portugaise*. Esquisse de son évolution. Porto, Magalhães e Moniz 1910, p. 169.
- (27) BARROS, João de. *Terra Florida*. Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão Ed., 1909, p. 13.
- (28) IDEM, *ib.*, p. 13.
- (29) IDEM, *ib.*, p. 13.
- (30) IDEM, *ib.*, p. 17.
- (31) IDEM, *ib.*, p. 18.
- (32) IDEM, *ib.*, p. 19.
- (33) IDEM, *ib.*, p. 35.
- (34) IDEM, *ib.*, p. 36.
- (35) IDEM, *ib.*, p. 61.
- (36) IDEM, *ib.*, p. 84.
- (37) IDEM, *ib.*, p. 85.
- (38) IDEM, *ib.*, p. 86.
- (39) IDEM, *ib.*, p. 112.
- (40) IDEM, *ib.*, p. 115.
- (41) IDEM, *ib.*, p. 116.
- (42) IDEM, *ib.*, p. 117.
- (43) Michel Otten chama a atenção, no seu estudo *Le Mouvement symboliste en Belgique*, publicado em *Nova Renascença* (Porto, Verão de 1989 — Verão de 1990) p. 402, para o facto de que a poesia de Verhaeren, traduzida a partir de 1895 em todas as línguas da Europa

exerceu uma clara influência sobre os jovens poetas da Europa Central e Oriental. Essa influência está presente na gênese do unanimismo francês e do expressionismo alemão. "Marinetti louva-o por sua inspiração vitalista e por sua exaltação do mundo moderno". Cf OTTEN, M — lb 403. A hermenêutica textual poderá chegar à conclusão de uma composição vitalista entre Nietzsche e Verhaeren.

- (44) BARROS, João de. *Ansiedade*. Paris, Lisboa, Livr. Aillaud e Bertrand e Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves s.d., p. 17.
- (45) IDEM, *ib.*, p.33.
- (46) IDEM, *ib.*, pp. 35-36.
- (47) BARROS, João de. *Anteu*. Coimbra, França e Arménio Amado, 1912, p. 32.
- (48) IDEM, *ib.*, p. 39.
- (49) IDEM, *ib.*, p. 40.
- (50) IDEM, *ib.*, p. 51.
- (51) IDEM, *ib.*, p. 53.
- (52) IDEM, *ib.*, p. 60.
- (53) RODRIGUES, Urbano Tavares e: TEIXEIRA-GOMES, Manuel. *O Discurso do Desejo*, Lisboa, Edições 70, 1982 (col. Signos, 41) p. 31.
- (54) TEIXEIRA-GOMES, Manuel. Colónia. In: *Agosto Azul*, Lisboa, Bertrand Editora 1986, p. 37.
- (55) RODRIGUES, Urbano Tavares, o.c., p. 52.
- (56) IDEM, *ib.*, p. 154.
- (57) APUD RODRIGUES, Urbano Tavares, o.c., p. 47.
- (58) Existem publicadas várias cartas de Manuel Teixeira-Gomes para João de Barros, dois fraternais republicanos, leitores e conhecedores de Nietzsche.
- (59) PATRÍCIO, Antônio. *O Fim*. História dramática em dois quadros. Porto, Livraria Chardron, 1909.
- A epígrafe literal de Nietzsche, na versão francesa apresentada por Patrício é a seguinte: "L'affirmation de la vie même dans ses problèmes les plus étranges et plus ardu; la volonté de vivre se réjouissant de faire le sacrifice de son propre caractère inépuisable - c'est ce que j'ai appelé d'yonisien, c'est en cela que j'ai cru reconnaître le fil conducteur qui même à la psychologie du poète tragique."  
(Crépuscule des idoles — Frédéric Nietzsche).
- Teresa Rita Lopes tem um interessante comentário sobre esta peça de Antônio Patrício no trabalho "A raça Bela Adormecida — Para Pessoa e os Saudosistas", in *Afecto às Letras*. Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda (1985), pp 623-632.
- (60) IDEM, *ib.*

- (61) COIMBRA, Leonardo. *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental*. Lisboa, Guimarães Editores 1991, p. 153.
- (62) COIMBRA, Leonardo. *A Poesia e a Filosofia Moderna em Portugal. Atlântida*. Lisboa, 1917, VII, pp. 224-226.
- (63) "Para nós herdeiros do verdadeiro cristianismo, temos o frêmito dionisíaco, não da primavera que volta, mas da vida que nasce e se expande gloriosa e exuberante pelo espaço, pelos mundos, pela vastidão do cosmos. E essa expansão da vida nova é o Amor", Leonardo Coimbra - "Natal e o Novo Anno", in *A Águia* nº 3, 1ª série (Porto 1910) p. 2b.
- (64) *Jornal República*, Lisboa, editorial de 16 de Dezembro de 1912, p. 1.
- (65) CORTESÃO, Jaime. *A Vida Portuguesa. A Vida Portuguesa*, nº 1 (Porto, 31 de Outubro de 1912), p. 1.
- (66) CASIMIRO, Augusto. *Primavera de Deus*, 1915.
- (67) PAXECO, Fran. Os Parocsistas. *A Vida Portuguesa*, nº 22 (Porto, 10 de Fevereiro de 1914), pp. 12-13.
- (68) Nesta breve passagem pode-se ler em extensão e profundidade o tumultuar ideológico das principais correntes dominantes em Portugal no início do ano de 1914, com destaque para Nietzsche, Bergson e outros. As observações de Fran Paxeco referentes à expressão lingüística coincidem com o espírito de normatização técnica proposta no "Manifesto técnico da literatura futurista" da autoria de Marinetti e editado em 11-05-1912.
- (69) COIMBRA, Leonardo. *A poesia e a filosofia moderna em Portugal. Atlântida*. Vol. VII (Lisboa 1917), p. 266.
- (70) MACHADO, Alvaro Manuel. *Raúl Brandão entre o romantismo e o modernismo*. Lisboa MEC/ICALP, Bibl. Breve 88, 1984, p. 98.
- (71) PROENÇA, Raul. O Eterno retorno e o optimismo de Nietzsche. *Atlântida*. Vol. VII (Lisboa 1917), pp. 370-379.
- (72) Carta de Teixeira de Pascoais a Carlos de Moraes, já citada na nota 24.
- (73) COIMBRA, Leonardo. *A poesia e a filosofia moderna em Portugal. Atlântida*. Vol. VII, Lisboa 1917, p. 226.
- (74) PASCOAIS, Teixeira. *A arte de ser Português*. Lisboa, Delraux (1978), p. 106.
- (75) COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 4ª Edição, Lisboa, Editorial Verbo (1973), pp. 195-196.
- (76) IDEM, *ib.*, p. 195.
- (77) IDEM, *ib.*, p. 196-197.
- (78) IDEM, *ib.*, p. 197. - Os textos objecto da interpretação de Jacinto Prado Coelho são das "Páginas de Doutrina Estética", - Ficam-nos algumas dúvidas sobre o efeito final da leitura de Nordau em cuja "Degenerescência" um dos autores visados foi Nietzsche.
- (79) PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*. Volume único. Rio de Janeiro, Aguilar Editora 1974, p. 172.

- (80) IDEM, *ib.*, p. 173.
- (81) IDEM, *ib.*, p. 321.
- (82) IDEM, *ib.*, p. 542.
- (83) IDEM, *ib.*, p. 240-246.
- (84) PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Ed. Aguilar, 1977, pp. 201-202.
- (85) PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*, p. 542.
- (86) O futurismo, com uma história ampla e diversificada preparada por uma atmosfera de renovação e vanguarda na Itália, contém uma doutrina e uma filosofia que são um convite a uma "nova vida" (cf. Vintila Horia. *Introdução à literatura do século XX*. Lisboa, Arcádia, 1978, p. 29-30.
- O Manifesto Futurista foi publicado pela primeira vez em Portugal no *Diário dos Açores* em 1909, cf. NUNO JUDICE. *A Era de "Orpheu"* Lisboa, Editorial Teorema/ Coleção Terra Nostra (1986), p. 25. EM GILBERTO MENDONÇA TELES, *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*, 10ª Ed., Rio de Janeiro, Editora Record 1987, pp. 89-94, encontramos a versão portuguesa moderna do primeiro manifesto do movimento futurista publicado em 20 de Fevereiro de 1909 no jornal *Le Figaro*. No Brasil, o manifesto teria sido publicado no *Jornal de Notícias da Bahia* em 30 de Dezembro de 1909, conforme informações recolhidas por G. M. Teles, *o.c.*, p. 88.
- (87) MARINETTI, Filippo Tommaso. Manifesto do Futurismo. In: TELES, G.L. *o.c.*, pp. 91-92.
- (88) Carta Santa Rita Pintor a Homem Cristo Filho sobre Futurismo (29-04-1916), in JUDICE. Nuno. *A Era de "Orpheu"*, Lisboa, Editorial Teorema/Coleção Terra Nostra (1986) p. 137-138.
- (89) FERRO, Antônio. *Intervenção modernista. Teoria do Gosto*. Lisboa, Verbo, 1987.
- (90) LEAL, Raúl. As tendências orfaicas e o Saudosismo. *Tempo Presente*. Nº 5 (1959), p. 21.
- (91) Seria importante lembrar a avaliação de Pierre DUCASSÉ, no capítulo "Valores da nossa época", in *As Grandes Correntes da Filosofia*, 5ª ed., Lisboa, Publicações Europa-América, s.d., p. 110: "No fim do século XIX, os valores dominantes são o cristianismo, o pessimismo, a ciência, o racionalismo, a moral do dever, a democracia e o socialismo. A crítica nietzscheana vê em todos eles uma abdicação da vontade de poderio, uma "fadiga de viver"; e para fugir a esta degradação da energia humana é necessário inverter a ordem dos nossos princípios de valorização: afirmar como positivo tudo o que os nega, visto serem em si mesmos negadores do valor da vida. O valor mais alto é a aceitação perigosa, a afirmação da vida com todos os seus riscos e até a sua limitação eterna, o "eterno retorno"; e é preciso ultrapassar os valores

adquiridos para afirmar a vida, vivendo-a para além do Bem e do Mal.  
"O Homem é alguma coisa que deve ultrapassar-se".

JOÃO FERREIRA é professor de Literatura Portuguesa, Literatura e Filosofia no Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB. Doutor em Filosofia pela Universidade Antoniana em Roma (Itália).